I - 2021/2022

# SÊ PLURAL

# ADVERTÊNCIA AO LEITOR

**A presente revista aborda assuntos que promovem atitudes conducentes à prática da NÃO VIOLÊNCIA.**

**A sua leitura pode afetar mortalmente a INTOLERÂNCIA que em ti ainda possa existir.**

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
Nº2 DE ABRANTES

SÊ PLURAL COMO O UNIVERSO

# NOTA DE ABERTURA


Ficha técnica

SÊ PLURAL

Ano I . nº 1 .
Primavera 2022

Publicação sazonal

**Direção e propriedade:**

Clube
"Sê Plural Como o Universo"
Agrupamento Escolas Nº2 de Abrantes

**Colaboraram neste número:**

Elementos do Sê Plural Como o Universo
Amnistia Internacional, António Morgado, Carla Cavalheiro, Daniela Nascimento, Nuno Gil, Pedro Falcão, Vitória Hranchak


Em 2014, tomei conhecimento da iniciativa Escolas Amigas dos Direitos Humanos, da Amnistia Internacional (AI). A pedido da direção da escola Dr. Manuel Fernandes, contactei a AI para que esta pudesse contribuir com o seu apoio no desenvolvimento da atividade. Na altura a resposta não foi favorável à minha intenção. Foi-me dito que a AI já não tinha recursos humanos para apoiar mais escolas. Claro que compreendi, pois os recursos destas organizações são inevitavelmente escassos. E porque são escassos? Fácil é encontrar a resposta. Os ideais fantásticos que perseguem não têm fins lucrativos, por isso lhes é vedada a capacidade de resposta que querem realmente dar.

Apesar de não ter de imediato a colaboração da AI, não desisti da sua brilhante ideia. Então, criei eu próprio na escola um projeto que desse visibilidade à iniciativa Escolas Amigas dos Direitos Humanos, dado que os Direitos Humanos eram, e continuam a ser, um assunto demasiado sério para ser negligenciado. Ao projeto dei o nome de "Sê Plural como o Universo", utilizando uma frase de Fernando Pessoa, esse poeta nosso tão genial e plural. Entretanto, o projeto foi crescendo, tornando-se num clube homónimo.

Ao longo destes anos têm passado pelo clube os mais impecáveis alunos desta escola. Alunos que não desistem de denunciar a opressão, a agressão, enfim, a crueldade nas suas múltiplas e horrendas manifestações. As atividades desenvolvidas pelo clube têm sido muito diversas e interessantes, mas seria fastidioso fazer aqui o seu elenco.

E agora ocorreu esta ideia: fazermos uma revista. E porque não?

Em nome do clube deixo aqui um sincero agradecimento a todos aqueles que connosco colaboraram.

António Morgado

# PERSONALIDADES QUE TORNAM O MUNDO MAIS HUMANO

## NELSON MANDELA

**Nelson Mandela** (1918 – 2013) foi presidente da África do Sul. Foi o líder do movimento contra o **Apartheid**. Condenado em 1964 à prisão perpétua, foi libertado em 1990, depois de grande pressão internacional. Recebeu o Prémio Nobel da Paz, em dezembro de 1993, pela sua luta contra o regime de segregação racial.

Quando saiu da prisão, Nelson proferiu estas palavras: *"Eu lutei contra a dominação branca e lutei contra a dominação negra. Eu tenho prezado pelo ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas possam viver juntas em harmonia e com iguais oportunidades. É um ideal pelo qual eu espero viver e que eu espero alcançar. Mas caso seja necessário, é um ideal pelo qual eu estou pronto para morrer".*

**Apartheid:** O termo apartheid diz respeito a uma política racial enraizada na África do Sul. De acordo com esse regime, a minoria branca, os únicos com direito a voto, detinha todo o poder político e económico do país, enquanto à imensa maioria negra restava a obrigação de obedecer rigorosamente à legislação criada pelos brancos.

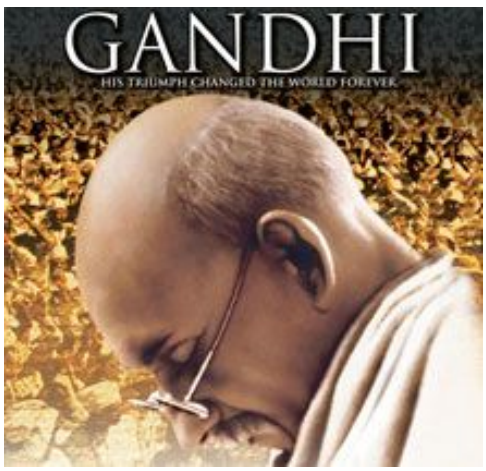
### Recomendação do Clube: Filme *Invictus*

Neste filme realizado por Clint Eastwood, Nelson Mandela é representado por Morgan Freeman. Após ter sido eleito como presidente da África do Sul, Mandela continua a lutar para atenuar os efeitos do Apartheid e, com a ajuda do capitão da equipa nacional de rugby, François Pienaar (Matt Damon), consegue unir a Nação em torno da Copa do Mundo de Rugby de 1995.

## ELEANOR ROOSEVELT

Muitos conhecem Eleanor Roosevelt por ter sido a esposa de Franklin Roosevelt, presidente dos EUA. Mas ela esteve também envolvida em questões de direitos humanos e de justiça social.

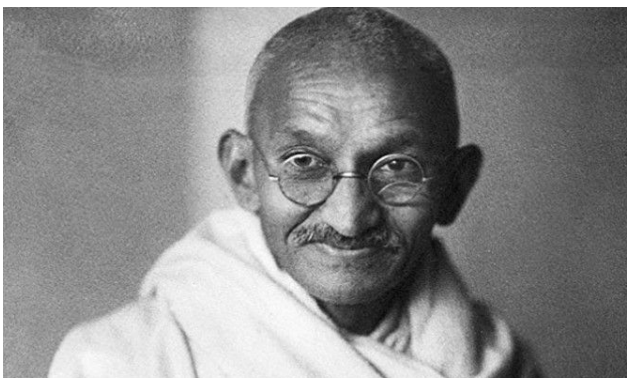
Lutou sempre por direitos iguais para, por exemplo, afro-americanos e mulheres. Entre 1945 e 1953, foi delegada dos EUA nas Nações Unidas. Durante esse tempo, contribuiu para a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, supervisionando a assinatura desta.




## MAHATMA GANDHI

Mahatma Gandhi foi um advogado, nacionalista, anticolonialista e especialista em ética política. Liderou o movimento da independência da Índia, colonizada pelo Reino Unido, recorrendo a uma resistência não violenta de acordo com o princípio de *Satyagraha* .

Pela sua atividade anticolonialista, Gandhi foi detido várias vezes, mas concretizou o seu objetivo em 1947 quando a Índia se libertou do domínio britânico. Líderes de direitos civis como Martin Luther King Jr. e Nelson Mandela encontraram em Gandhi a fonte de inspiração para a sua luta pelos direitos humanos.



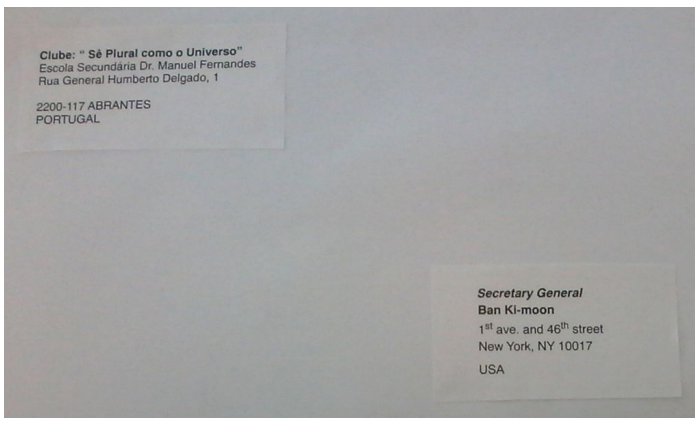
**Recomendação do Clube:**

**Filme *Gandhi***

Neste drama histórico de Richard Attenborough, é retratada a vida do ativista Mahatma Gandhi, protagonizado por Ben Kingsley. Foi galardoado com diversos prémios.

# CARTA DOS DEVERES HUMANOS

Em 1948, a Organização das Nações Unidos criou a Carta Universal dos Direitos Humanos, assinada em São Francisco, nos EUA, com a presença da primeira-dama Eleanor Roosevelt. Em 2016, o clube Sê Plural como o Universo viu a necessidade de criar uma carta dos deveres humanos, da qual aqui apresentamos alguns artigos. Traduzimos o conteúdo da Carta dos Deveres Humanos para inglês e posteriormente enviá-mo-la para o então secretário geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon. Conscientes de que a Carta dos Direitos Humanos foi uma grande conquista para a Humanidade, acreditamos que, só com a criação de uma carta dos Deveres Humanos, conseguiremos obter uma perceção mais aprofundada de como a Humanidade deve agir de modo a viver em harmonia.




**1º Dever**

a) Temos o dever de respeitar e de cumprir os direitos humanos.

b) Todo o ser humano deve respeitar os outros. Todos temos os mesmos direitos, dignidade e liberdade e devemos agir como iguais.

**3º Dever**

Todo o indivíduo tem o dever de denunciar qualquer ato que contrarie as leis de um país, bem como a Carta Universal dos Direitos Humanos.

**5º Dever**

Todo o indivíduo tem o dever de não impor as suas ideias e vontades a outros.

**7º Dever**

Todo o indivíduo tem o dever de agir de forma não violenta, respeitando a integridade física e mental dos outros.

**9º Dever**

Todo o indivíduo tem o dever de não julgar os outros sem provas.

**11º Dever**

Todo o indivíduo tem o dever, caso tenha meios disponíveis, de contribuir para a erradicação da pobreza no mundo.

**13º Dever**

Todo o indivíduo tem o dever de contribuir para um desenvolvimento sustentável. O nosso modelo de desenvolvimento não nos deve permitir esgotar os recursos disponíveis, sob pena de comprometermos o desenvolvimento das gerações vindouras.

a) Todo o indivíduo tem o dever de respeitar os restantes seres vivos.

b) Todo o indivíduo tem o dever de proteger o ambiente (ar, água e solo) para o bem de todos os que habitam a Terra e as gerações vindouras.

**15º Dever**

Todos têm o dever de usar a sua racionalidade e liberdade de escolha para tomar decisões sobre a sua vida.

Para quem quiser consultar a versão integral da Carta dos Deveres Humanos, esta encontra-se disponível no sítio da Escola Dr. Manuel Fernandes, em www.esmf.pt

# A MULHER AFEGÃ SOB O JUGO TALIBÃ

Até à década de 1970, as mulheres afegãs usufruíam dos mesmos direitos que as mulheres ocidentais: desde 1919 que podiam votar, usavam minissaias, tinham acesso à educação superior e a empregos. Como é que passaram de uma vida livre e digna à imagem que atualmente conhecemos da mulher afegã? Conflito. Guerra. Fanatismo. Talibã. São estas as respostas.

Em agosto de 2020, os Talibãs tomaram o controlo de Cabul, a capital do Afeganistão. Com esta mudança de poder, os direitos humanos, e mais especificamente os das mulheres, ficaram gravemente em risco. Mas quem são estes Talibãs e porque é que representam tão grande ameaça à liberdade?

Após a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão e do colapso do regime comunista, o país estava imerso no caos. A meio da década de 1990, surgiram os Talibã, um pequeno grupo de estudantes religiosos e estudiosos afegãos, daí o seu nome, *Talibã,* que significa *estudantes*, que tinham o objetivo de combater o crime e a corrupção. São uma fação ultraconservativa a nível político e religioso. Com as suas promessas de segurança e fervor religioso, a população apoiava os Talibã e, assim, no final de 1996, o grupo já tinha conquistado Cabul, e exercia poder sobre mais de dois terços do país.

Em 2001, controlava todo o país exceptuando uma pequena região no norte do Afeganistão e países como a Arábia Saudita, o Paquistão e os Emirados Árabes Unidos até reconheceram o regime como legítimo. Combinando uma austera ideologia religiosa com o código social conservador Pashtun, os Talibã conseguiram criar um regime brutalmente repressivo, instaurando um clima de terror e medo. Destruíram relíquias não islâmicas e implementaram sentenças criminais severíssimas. Quanto às mulheres, excluíram-nas praticamente da vida pública, vedando-lhes o acesso ao mundo do trabalho, à educação, a cuidados de saúde, à vida política, proibindo-as de sair de casa sem um guardião masculino, de falar em público e de mostrar a pele, pelo que só podiam sair à rua com uma burca. O piso térreo e as janelas do primeiro piso das casas na capital tinham que ser tapadas para que nenhuma mulher lá dentro pudesse ser vista da rua. Se uma mulher aparecesse publicamente sem estar completamente tapada podia ser açoitada, se usasse verniz ser-lhe-ia cortada a ponta do polegar, se tentasse estudar seria espancada e se fosse considerada adúltera seria apedrejada até à morte.

Por concederem refúgio ao líder da al-Qaeda Osama bin Laden, responsável pelos ataques de 11 de Setembro, e terem recusado extraditá-lo, os EUA bombardearam o Afeganistão. Em dezembro de 2001, a Aliança do Norte, um grupo que lutava contra os Talibã, conseguiu derrubar o regime Talibã e alguns direitos das mulheres foram reavidos: muitas escolas voltaram a receber raparigas, tendo o número de meninas em escolas primárias aumentado de praticamente zero para 2,5 milhões, a literacia feminina quase duplicou numa década para 30%, mulheres voltaram a ter emprego e em 2009 foi aprovada a lei da Eliminação da Violência Contra as Mulheres. Ainda assim, em 2011, o Afeganistão foi considerado o país mais perigoso para se ser mulher. Mas a paz não duraria muito tempo.

Em 2005, os Talibã começaram a ressurgir e, mais uma vez, tiveram o apoio de milhares de afegãos descontentes com a corrupção generalizada e com a destruição causada pelos EUA e pela NATO. Apesar de não terem tomado Cabul até 2021, o grupo já era muito poderoso e a harmonia no Afeganistão passava pela reconciliação do governo afegão e deste grupo extremista. Na última ronda de diálogos para acordar a paz, constavam apenas quatro mulheres na delegação do governo e nenhuma na dos Talibã.

Em 2019, começaram as negociações para a retirada das tropas da superpotência americana, que se efetuou em 2021. Deste modo, com o fim dos confrontos com as tropas dos EUA e com a supremacia militar face ao governo legítimo afegão, os Talibãs conseguiram rapidamente conquistar dezenas de distritos em maio, e em agosto já controlavam a capital.

Durante o ano de 2021, os Talibã mataram deliberadamente defensores dos direitos humanos – pelo menos 17 entre setembro de 2020 e maio de 2021–, mulheres ativistas, profissionais de saúde, jornalistas, pessoas importantes do antigo governo, membros das forças de segurança e pessoas de minorias étnicas e religiosas, como os Hazaras.

→ 682 031 deslocados de guerra
→ 740 famílias Hazara despejadas
→ 10 000 atravessaram a fronteira para o Paquistão até 2 de setembro
→ 4 000 a 5 000 atravessavam, por dia, a fronteira para o Irão

Há países que estão a dar dinheiro ao Afeganistão para ajuda humanitária, mas como a maioria dos países não reconhece o Governo de Cabul e duvidam que o dinheiro que dariam seria para ajuda humanitária, o Afeganistão não tem apoio financeiro externo suficiente, estando a população na miséria.

Neste momento, nove em cada 10 afegãos vive abaixo do limiar de pobreza, somente com 1,60 euros por dia. Há imensos apagões, a insegurança alimentar aumentou visivelmente e a ONU alerta que um milhão de crianças correm risco de fome. Há pessoas a vender órgãos e pais a venderem os filhos, principalmente as meninas.

Além de tudo isto, o ataque à comunicação social é real. Jornalistas e outros trabalhadores da imprensa foram intimidados, ameaçados e assediados, forçando muitos a esconderem-se ou sair do país. Até novembro, tinham sido mortos pelo menos 12 jornalistas e 230 tinham sido atacados. Em março deste ano, na televisão foram proibidos canais internacionais, como a britânica BBC, a americana Voice of America, a alemã Deutsche Welle e a chinesa China Global Television Network. Apesar de todos estes atentados à liberdade de expressão e de imprensa, os Talibãs dizem que a comunicação social pode continuar a fazer notícias criticamente, desde que o façam "de acordo com os valores Islâmicos e com a união nacional em mente". Estão proibidos de serem transmitidos programas ficcionais com mulheres.

O Ministério dos Assuntos das Mulheres foi dissolvido e substituído pelo Ministério da Promoção da Virtude e Prevenção do Vício, responsável por punir violações à lei islâmica.

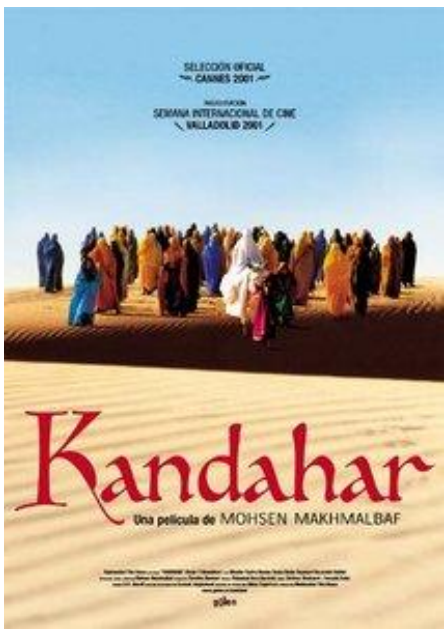
Muitas mulheres deixaram de poder trabalhar. Advogadas e juízas foram despedidas e esconderam-se, pois homens que tinham encarcerado em casos de violência doméstica e de género foram libertados e queriam a vingança. Entre janeiro e junho, o agora extinto Ministério dos Assuntos das Mulheres registou 1 518 casos de violência contra mulheres, dos quais constam 33 assassinatos. É de salientar que a violência contra mulheres e raparigas é generalizada mas muitas vezes não é denunciada. As formas mais comuns de violência contra mulheres incluem espancamento, assédio, prostituição forçada, privação de pensão alimentícia e casamentos forçados e infantis. Em setembro, os Talibãs decretaram que as escolas, desde as primárias às secundárias e às universidades seriam segregadas por género e seria adotado um novo código de vestuário que respeitasse a "lei Sharia e a tradição afegã". É importante mencionar que muitas universidades não têm recursos para oferecer aulas separadas e que os conteúdos lecionados foram revistos, para que o currículo contemplasse "os valores islâmicos, nacionais e históricos" e o Afeganistão conseguisse "competir contra outros países". Tal como no primeiro regime dos Talibãs, na década de 1990, os espaços públicos são segregados por género. É verdade que homens e mulheres podem ir a parques. Mas em dias separados.

As mulheres não podem aparecer em público sem a cabeça tapada, o desporto feminino foi proibido e só podem viajar longas distâncias, incluindo voos internacionais, com um acompanhante masculino. A 23 de março, os Talibãs fecharam as escolas secundárias (a partir do sexto ano) para raparigas, deixando-as sem educação.

Elas não desistem e saem à rua e protestam. Artistas denunciam a sociedade opressora afegã, como Shamsia Hassani, da qual apresentamos, em seguida, alguns trabalhos, que tece críticas sociais através da sua arte digital e arte urbana, dando especial destaque à condição da mulher afegã na atualidade. Na próxima página, estão algumas imagens da exposição Now or Never, disponível *online*, que contempla obras de arte de diversos artistas de todo o mundo que procuram sensibilizar a comunidade internacional para a situação atual no Afeganistão.

Os Talibãs querem que a mulher seja invisível. Mas as afegãs vão continuar a lutar e nós vamos continuar a lutar por elas. A mulher não pode ser ignorada e tornada invisível. Não pode. Não podemos deixar que isso aconteça.

Como é possível vivermos no mesmo mundo? Nós, livres, elas, agrilhoadas pelo fanatismo; nós, apáticos, elas lutadoras? São elas, longe, noutro país, outra cultura, falam outra língua, rezam a outro deus. Elas, longe, outro – palavras que nos distanciam da realidade que podia ser nossa, aqui, nós, agora. Não nos esqueçamos de que estamos mais ligados do que parece: une-nos o tempo, que é o agora, o mundo, que é a Terra, a humanidade, que é mais difícil de definir mas que sem dúvida todos os seres humanos partilham. A mulher afegã é a Mulher, é a Pessoa e deve ver, tem que ver, restaurada a sua dignidade.

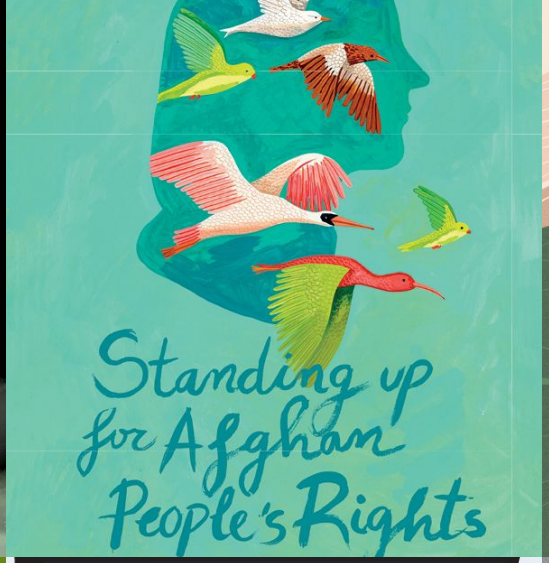



**Recomendação do Clube: Filme *Kandahar***

Neste filme de extraordinária beleza, Mohsen Makhmalbaf conduz-nos numa fabulosa viagem através de paisagens e de acontecimentos singulares.

Nafas é uma jornalista afegã que se refugiou no Canadá para fugir ao opressor regime talibã. Quando recebe uma carta da irmã que ficou em Kandahar, na qual ela informa que se vai suicidar no próximo eclipse solar, Nafas resolve regressar ao Afeganistão para a salvar.

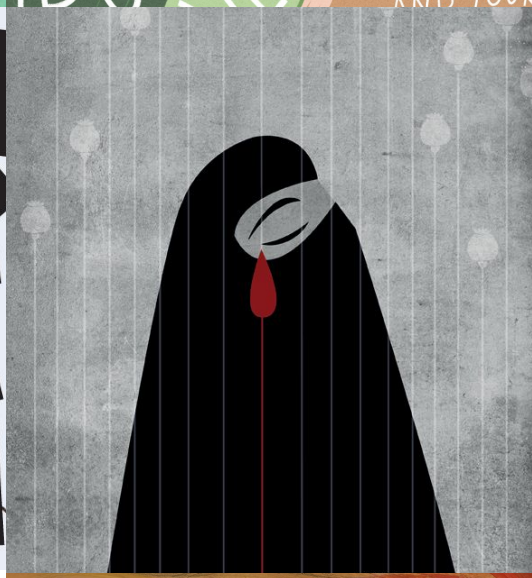
I Want
My Country
Back

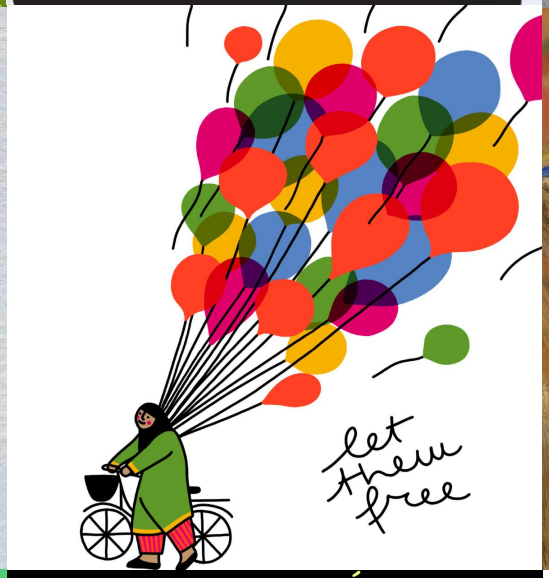

Standing up
for Afghan
People's Rights

PROTECT AFGHAN
OPEN YOU
HEARTS
AND YOUR

AFGHANS

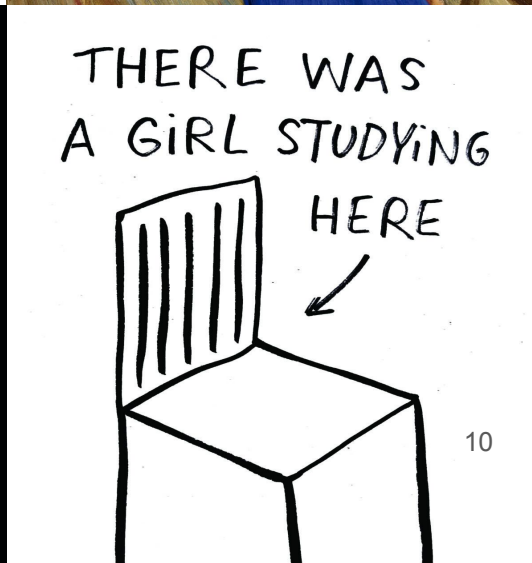
NOW or never Gallery
https://nowyouseememoria.eu/
NOW
OR
NEVER




let them free

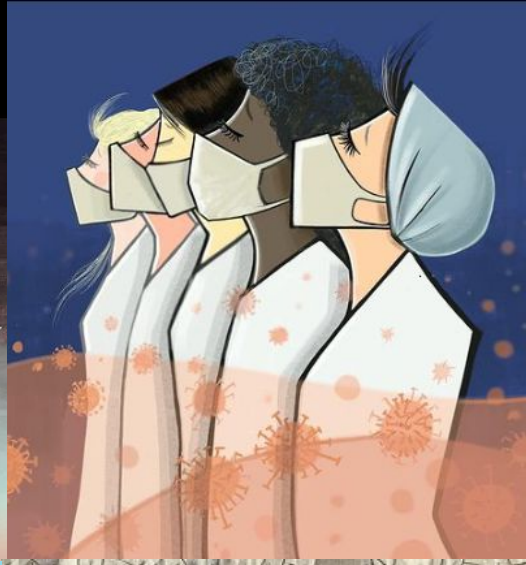
Act
now

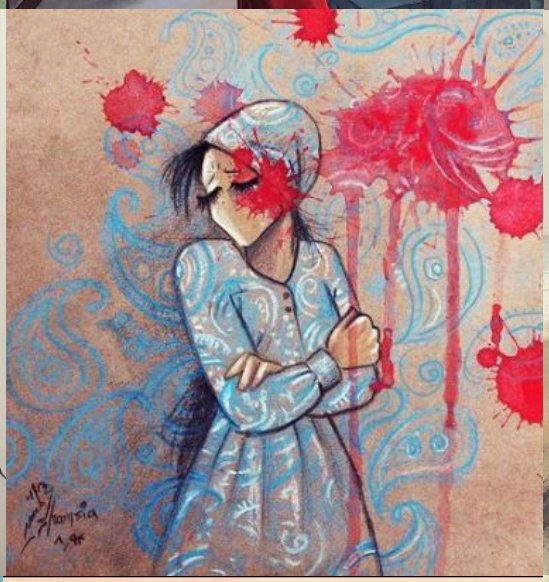
HELP THE WOMEN
OF AFGHANISTAN

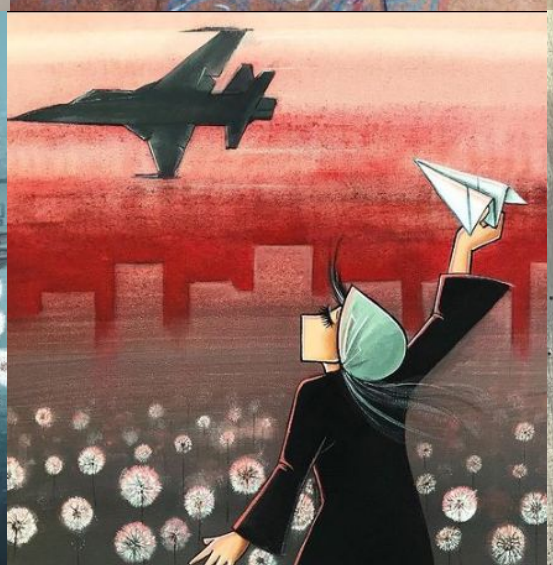

THERE WAS
A GIRL STUDYING
HERE

# Shamsia Hassani

https://www.shamsiahassani.net/







# DIGNIDADE: SER RESPEITADO TAMBÉM É UM DIREITO

## Amnistia Internacional

A dignidade humana é posta em causa em cada refugiado que não tem sítio onde ficar, em cada mulher que não tem permissão para ser livre ou em cada criança que não tem possibilidade de desenvolver o seu conhecimento. A Amnistia Internacional trabalha, e vai continuar a trabalhar, para combater os atentados aos direitos humanos nas suas múltiplas facetas.

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. Este é o Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), a 10 de dezembro de 1946, e assinada pelos atuais 193 países membros.

Passaram 75 anos e o valor do ser humano como identidade racional, livre e digna continua a ser posta em causa. Basta olhar para os recentes acontecimentos no Afeganistão, com as mulheres a serem relegadas para a nulidade social, para percebermos que retirar a dignidade a toda uma população é possível num ‘par de horas’.

Mas falamos também do trabalho infantil, do tráfico humano, dos refugiados, da falta de acesso a cuidados de saúde e educação em países de mais baixos rendimentos, da permanente vivência em condições indignas por parte de muitas pessoas, etc. Ou seja, falamos de várias expressões de vida sem dignidade que persistem pelo mundo fora. Tudo isto foi exponenciado pela pandemia da COVID-19. Acrescentando ainda que a dignidade tem sido, e é, posta em causa de cada vez que os direitos das pessoas são ultrapassados a coberto de medidas governamentais supostamente tomadas para combater a pandemia.

Também as alterações climáticas têm sido uma agravante que está a impactar com mais veemência os mais desfavorecidos, visto serem os primeiros a ficar sem condições dignas de sobrevivência, sem casa, água disponível ou trabalho, por exemplo.

O ano de 2021, pelo potenciar destas duas catástrofes mundiais referias – pandemia e alterações climáticas - ficará para a história como um dos mais desoladores para os direitos humanos e para a dignidade a que cada ser humano tem direito.

No seu trabalho, a Amnistia Internacional procura que este conceito que dá valor à pessoa esteja presente junto dos que mais sofrem. São vários os projetos em que está envolvida e que vai continuar a trabalhar em 2022. Em prol da dignidade, em prol dos direitos humanos. Vamos rever alguns.

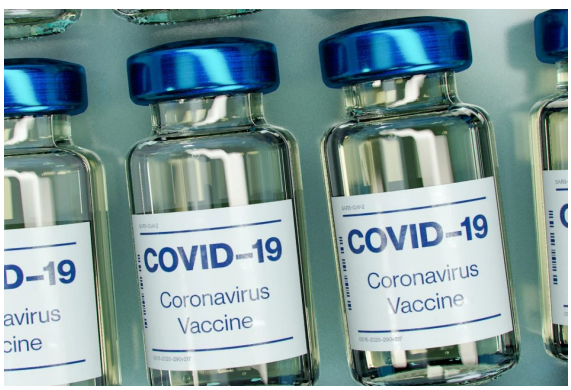
## Acesso generalizado à vacinação contra a COVID-19

Com uma pandemia a assolar o mundo, e uma vacina que surge como umas das principais armas de combate, são as populações dos países de mais baixos rendimentos as que estão em maior risco, com taxas de vacinação muito baixas, menos de 10%, enquanto nos países desenvolvidos já se dão terceiras doses e vacinam crianças.

A campanha "Uma dose de igualdade: pelo acesso universal à vacinação COVID-19", da Amnistia Internacional, pretende precisamente pressionar as empresas farmacêuticas e os Estados a cumprirem as suas obrigações para com os direitos humanos.

É fundamental garantir a universalidade no acesso às vacinas, até porque enquanto não estiverem todos vacinados a pandemia não desaparece e novas estirpes podem ganhar força. É uma questão de direitos humanos, mas também de racionalidade económica.

Em julho de 2021, uma equipa liderada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pela Organização Mundial do Trabalho (OMT), pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) definiu um objetivo claro de vacinar 40% da população de cada país até ao final de 2021. Contudo, o relatório "Uma Dose Dupla de Desigualdade: as empresas farmacêuticas e a crise das vacinas contra a Covid-19"), publicado em setembro último, contava na altura com menos de 10% da população de países de baixo e médio rendimento vacinadas e dezenas de milhares de outras a morrerem todas as semanas devido à doença.



## Proteger os direitos dos refugiados

Para além da pandemia, 2021 viu a crise de refugiados crescer de forma dramática. Continuam conflitos um pouco por todo o mundo e novas situações emissoras emergiram durante o ano. Falamos, por exemplo, da grave crise no Afeganistão, que desde que os Talibãs tomaram posse do país criou uma fuga de refugiados que tenta escapar ao duro regime imposto, sobretudo sobre as mulheres a quem lhes foi retirada toda a liberdade de atuação.

Mais recentemente, a fronteira da Polónia com a Bielorrússia transformou-se num tampão para refugiados que tentam encontrar uma vida mais digna na União Europeia (UE). Aí chegados, ficam num limbo que já levou à morte de algumas pessoas. No Mediterrâneo, estima-se que, até abril de 2021, pelo menos 300 pessoas perderam a vida a tentar cruzar o mar. Segundo dados da Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), entre 2014 e 2021, mais de 10 mil pessoas perderam a vida ao tentarem cruzar estas águas.

Estima-se que, em 2020, o número de pessoas forçadas a sair do seu local de origem devido a perseguição, violência, conflito armado ou outras violações de direitos humanos ultrapassou os 80 milhões.

Neste campo, a Amnistia Internacional ajuda a prevenir que refugiados sejam deportados para serem colocados em situações de perigo, atua para que os seus direitos sejam respeitados e protege os migrantes mais vulneráveis de serem explorados e abusados por entidades patronais, traficantes e contrabandistas. E emite regularmente petições para angariar apoio que defenda estas causas.

## A crise climática é uma crise de direitos humanos

A agravar tudo isto, uma crise climática sem precedentes, ela própria geradora de refugiados que perdem casas, empregos, saúde e todo um modo de vida para os cada vez mais frequentes fenómenos ambientais extremos.

Estima-se que, até 2050, entre 50 a 200 milhões de pessoas sejam forçadas a deixar as suas casas e as suas terras por motivos de desastres naturais em virtude das alterações climáticas. Estima-se também que, em média, morram 3 milhões de pessoas por ano devido à poluição do ar. Mulheres, crianças, e idosos são os grupos mais vulneráveis. Recentemente, o Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas reconheceu, pela primeira vez, que ter um meio ambiente limpo, saudável e sustentável é um direito humano. Foi salientado que a degradação ambiental e a mudança climática são crises de direitos humanos interligadas. A Amnistia Internacional corrobora, salientando que todos os direitos humanos estão gravemente em risco por força das alterações climáticas. Neste sentido, para além de todos os instrumentos já existentes de combate às alterações climáticas, como o Acordo de Paris ou o Pacto Ecológico Europeu, a Amnistia criou um extenso plano, intitulado 'Parem de Queimar os Nossos Direitos', com indicações de como os estados e corporações podem travar esta luta. Por exemplo, os países devem implementar estratégias nacionais e internacionais para reduzirem as emissões de gases; devem eliminar subsídios a combustíveis fósseis; devem apoiar aqueles que já estão a sofrer com os eventos climáticos, etc.

Também são criadas petições para chamar a atenção e angariar o apoio da população na defesa destas causas.

## Vigilância digital ameaça direitos

Outra ameaça aos direitos humanos vem do mundo digital. Têm ocorrido violações dos direitos humanos em larga escala, através da vigilância digital secreta, segundo apurou um relatório da Amnistia Internacional, lançado em julho de 2021. O relatório "A Descobrir o Iceberg: A Crise da Vigilância Digital provocada pelos Estados e pelo Setor Privado" revela o impacto devastador da indústria de spyware, com fraca regulamentação, nos direitos humanos em todo o mundo.

Tais infrações, cometidas por governos contra ativistas e defensores dos direitos humanos e com a colaboração de algumas empresas tecnológicas, colocam em causa direitos de liberdade de expressão e de associação.

Neste sentido, a Amnistia Internacional apelou a uma moratória imediata sobre a exportação, venda, transferência e utilização de tecnologia de vigilância até que exista um quadro regulamentar em conformidade com os direitos humanos. “Se os próprios líderes mundiais estão a ser um alvo, isto significa que os direitos de todos, em especial, ativistas de direitos humanos, jornalistas e advogados, estão em risco”, declarou na altura Agnès Callamard, secretária-geral da Amnistia Internacional.

**Ataque aos direitos económicos, sociais e culturais**

Destacamos, por fim, o continuar dos atentados aos direitos económicos, sociais e culturais. Os governos têm o dever de garantir o exercício destes direitos a todos os cidadãos. O acesso à educação, a cuidados de saúde e a uma habitação digna deve estar no topo das prioridades. Ainda assim, não é isso que acontece em muitas geografias.

No mundo, persistem realidades como 889 milhões de pessoas a viverem em bairros degradados; 61 milhões de crianças, principalmente meninas, sem acesso à educação; ou 8,1 milhões de crianças a morrerem antes dos cinco anos de idade por causas evitáveis e doenças para as quais existe cura.

Para a Amnistia Internacional, esta situação não se deve apenas à falta de recursos, mas também a fatores de negligência e discriminação. Por exemplo, muitas das questões em torno da pobreza estão relacionadas com a violação dos direitos económicos, sociais e culturais, entre os quais, direitos no trabalho, direito à educação, direito à habitação adequada, etc. A organização de defesa dos direitos humanos considera que os governos simplesmente não estão dispostos a fazer algo para solucionar estas questões. Neste campo, a Amnistia trabalha com comunidades em todo o mundo, capacitando-as com conhecimento e ferramentas a fim de reivindicarem os seus direitos junto das entidades governamentais e, assim, melhorarem as suas condições de vida. Estabelece também parcerias estreitas com ativistas locais, para melhor fazer passar esta mensagem de que a vida pode melhorar, porque todas das pessoas têm direitos e estes devem ser respeitados. Assim o dita a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

# Reflexões sobre Refugiados, Direitos Humanos e Seletividade

De acordo com as Convenções de Genebra, é considerado refugiado qualquer indivíduo que esteja impossibilitado de retornar ao seu país por medo de perseguição devido à sua etnia, nacionalidade, posição social ou posição política. Neste sentido, ser um refugiado implica transpor uma fronteira internacional, e ser alguém cujos Direitos Humanos se encontram ameaçados, sendo também um dos Direitos Humanos consagrados na Carta Universal de Direitos Humanos (art.14), e no contexto europeu reconhecido como um direito fundamental dos indivíduos na Carta Europeia de Direitos Fundamentais (art.18). Assim, conceder asilo é um dever baseado na condição mais fundamental do ser humano, que é o facto de se ser humano. Porém, em termos técnicos isto significa um dever legal e uma responsabilidade dos Estados e governos, para com todos os indivíduos, de prestar asilo a quem se encontra nesta situação.

De tempos a tempos, o termo refugiado torna-se parte do nosso ideal comum, estando em todas plataformas de informação e sendo quase inato o seu significado. Isto acontece quando, de entre as muitas crises humanitárias e conflitos horrendos que marcam a nossa era, algum se torna elemento de choque da sociedade pelas imagens perturbadoras que nos chegam, mas especialmente quando sentimos impactos direto, esquecendo-nos de que nos últimos anos, de acordo com dados de 2020 da ACNUR, 20 milhões de pessoas por ano são consideradas refugiadas, e cerca de 5 milhões são requerentes de asilo.

Muitos destes acabam por passar anos, ou até mesmo décadas, em campos de refugiados, isolados do mundo exterior e no eterno suspenso de se um dia vão poder regressar às suas casas ou se vão ter a oportunidade de ser integrados na sociedade do “país” de acolhimento que se encontra mesmo do outro lado do muro, mas da qual estes são apagados, vivendo em condições degradantes, em sítios como, por exemplo, o Campo de Mória, em Lesbos, Grécia, que hoje já não existe, mas que será sempre uma marca do sofrimento. Este campo é também o reflexo de uma política de segregação e esquecimento do refugiado que temos especialmente assistido na Europa depois da “Crise de Refugiados” de 2015 no seguimento dos conflitos no Médio Oriente e no Norte de África.

Infelizmente, o asilo assume-se como um direito humano sujeito à seletividade, ou por outras palavras, um direito que todos reconhecemos, mas cujas políticas que usamos para o colocar em prática explanam atitudes de discriminação e seletividade do refugiado. Uma seletividade baseada nas características do refugiado que assumimos como próximas de nós ou não.

Com o exacerbar do conflito na Ucrânia assistimos a uma mobilização extraordinária para a receção e integração de refugiados ucranianos, que hoje já ultrapassam os 4 milhões, nos países da UE. Algo que diria extraordinário, pois, até mesmo aqueles que mais se sentiram relutantes em receber refugiados em 2015, prontamente se disponibilizaram a acolher estas pessoas, integrá-las no mercado de trabalho europeu e agilizar ao máximo os procedimentos para requerimento de asilo e mobilidade destes requerentes dentro do espaço comunitário.

Mas em 2015 a resposta foi bem diferente. Apesar de muitos terem sido acolhidos, a verdade é que a grande política foi a de contenção de fluxos, o desmantelamento de rotas e a fixação de refugiados em campos, ou até mesmo nas prisões, dos vizinhos da UE. Perante isto, claramente assistimos a uma diferença de reação, mas mais que isso, uma diferença no respeito do direito humano ao asilo, através da seletividade de quem nós queremos que seja integrado, ou achamos que merece baseado naquilo que são os nossos preconceitos para com um outro de origem cultural ou religião diferentes, bem como interesse político e económico bem diferentes.

Olhar para a mudança de tratamento prestado aos refugiados ucranianos faz-nos pensar que os erros do passado foram vistos como lição. No entanto, a cada dia que passa damos-mos conta de que o racismo e a discriminação permanecem como um ameaça ao tratamento digno dos refugiados.

Campo de Mória

Denúncias de discriminação de requerentes de asilo negros, nacionais de países africanos, muçulmanos, e até mesmo de quem tenha fugido de outras guerras e tenha acabado no país barrado à porta da UE, têm sido múltiplos. A juntar a estes surgem novas denúncias de tratamento abusivo e prisões arbitrárias de requerentes de asilo vindos da Bielorrússia de onde muitos fogem pelo perigo que correm no país ou pela situação precária que enfrentam no mesmo devido à sua condição irregular desde que ficaram presos na Bielorrússia por não lhes permitirem entrar na UE onde procuravam asilo.

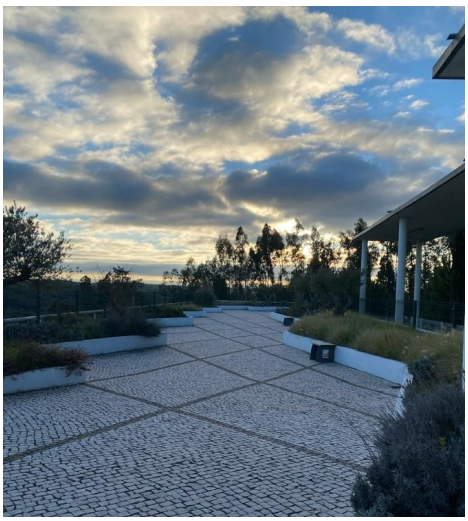
A realidade é que a seletividade é e tem sido uma realidade presente na vida de muitas pessoas que procuram asilo, sendo importante questioná-la pelo impacto que esta tem, não só na garantia do direito de asilo a quem o necessita, mas especialmente na violação dos Direitos Humanos que esta negação representa, agravada pela discriminação étnica, cultural ou religiosa a que está associada e que tendemos a perpetuar nas nossas instituições, discursos e encafuadamente nas nossas políticas.

Para concluir, há uma nota extremamente importante a reter quando falamos de refugiados e requerentes de asilo: é que falar de asilo é falar de um Direito Humano, mas falar de asilo e refugiados é também falar de um processo de definição e seleção de perfis e muitas vezes as histórias de compaixão que nos chegam são histórias muito mais complexas que escondem a invisibilização e a violação dos direitos fundamentais de muitos.

Carla Cavalheiro

# NOMES E TEXTOS PARA ESPAÇOS PLURAIS

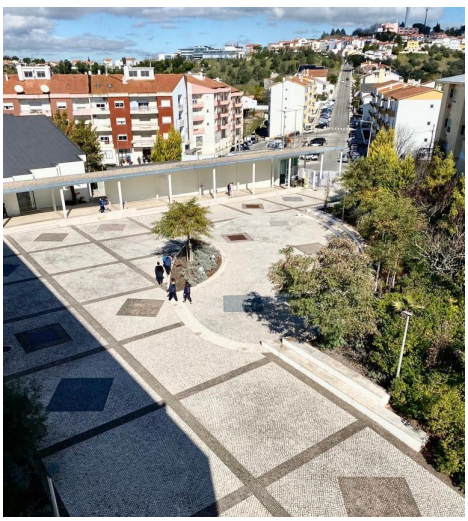
## VARANDA DAS GRANDES EXPECTATIVAS



Ao longe ainda vemos os antigos navios – grandes navios transatlânticos que esmagavam as ondas e contrariavam as intenções dos ventos e das tempestades. Hoje, ao longe, em vertiginosa velocidade, vemos os aviões – máquinas tremendas que desafiam as ideias do finito e do alcançável; ao longe vemos os cavalos – animais esbeltos que galopam nas pradarias perfumadas; ao longe vemos os comboios de ferro – sobre o ferro deslizando, desafiando a distância, o medo, o incrível; ao longe vemos novas máquinas – estranhas formas assumindo novas e audazes velocidades.

Afavelmente mergulhamos na força das nossas grandes esperanças, e afável será a nossa primavera. Desta varanda, no horizonte longínquo, vislumbramos o desfilar dos tempos idos, e com espanto redobrado perscrutamos o deslumbrante ritmo da modernidade; desta varanda, da qual legítimos herdeiros somos, espantados observamos o desenrolar do curso destas intemporais formas que, tal como nós que as observamos, aspiram a expectativas elevadas.

## LARGO DA MULTICULTURALIDADE



Venhas de onde vieres caminhante, seja do oriente longínquo, da África negra e quente ou do Novo Mundo, ou de outras regiões que os próprios mapas não revelam, serás bem-vindo. Acolhemos-te com alegria independentemente da tua religião, sexo ou etnia, pois que a nossa cidade quer fervilhar de cor.

Porém, observa que nós só sabemos viver, pois essa é a nossa escolha, com o abraço morno da Liberdade, e que dele jamais abdicaremos. Portanto, querido forasteiro, se quiseres connosco caminhar, não podes em caso algum, negligenciar este valor.

Vem, vem alegre caminhante. As nossas portas estão abertas para ti.

PASSEIO DE TODOS OS SONHOS

**Visitante:** que musicalidade é esta, caro irmão? Estas sombras, estes arbustos, este labirinto verde no qual não me consigo perder, o que é isto, doce irmã? Ouço, caro irmão, instrumentos tão ricos em excêntricas sonoridades, que nesta alameda improvisam melodias ímpares. Que devo pensar de tudo isto, irmãos meus? Tudo isto é alento para os meus sentidos cansados.

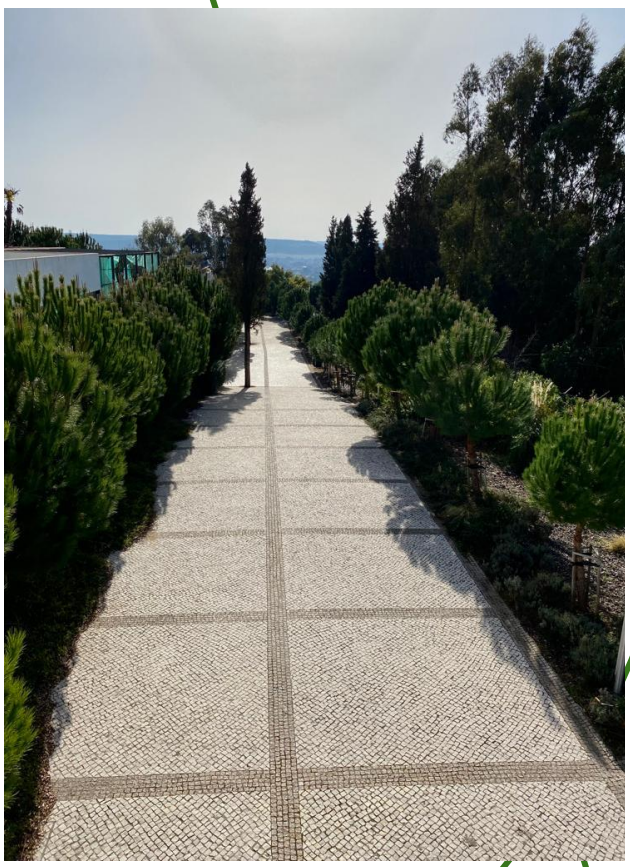
**Irmã**: o que ouves, estrangeiro irmão, o que ouves, nobre visitante, são os sonhos que brincam na encosta.

**Visitante:** irmão!? E porque brincam desta maneira os sonhos na encosta, assim desta maneira tão desafogada? De que cor são os sonhos?

**Irmão:** coisas há que não se podem questionar, pois que acontecem assim, simplesmente, sublimemente.

**Visitante:** irmão, devo então calar-me?

**Irmãos:** sim, definitivamente.



**O coro**

Disfruta da azáfama dos sonhos,
Colhe oiro e lilás nos campos,
Calmamente caminha lado a lado com o inigualável,
Pouco alarido, parca agitação,
Pois que os sonhos apenas dados são
A vós ternos irmãos que sabiamente
Urdem a arte de sonhar.

PRAÇA DEMOKRATIA

Sem exceção, fomos todos convidados a participar na discussão. Os senhores antigos, os hipócritas esclarecidos, que dantes tomavam as grandes decisões de forma unilateral, desapareceram, ao que consta para sempre. Para onde foram? Tal não aguça a nossa curiosidade. O que nos interessa é isto: o grande jardim que vai ser construído no centro da cidade.

Desta vez seremos todos nós a escolher o arranjo das flores e a intensidade da sua luz. Alguns escolheram crisântemos vermelhos e outros, os mais extravagantes, escolheram flores raras nestas paragens. Assim será, decidimos: que os canteiros dos nossos renovados jardins tenham alamedas de crisântemos vermelhos, e que por ali, entre os canteiros viçosos, que a outra singularidade florida se revele.

Construído que foi o jardim, assim desenhado pela intenção das nossas vontades divergentes, sentámo-nos sobre o rochedo para assistir à explosão das raízes e dos bolbos que tínhamos escondido sob o solo. E quando o pasmo da cor e da luz se revelou sobre os canteiros, rejubilámos de alegria, pois sabíamos que tal beleza, agora renascida, possível foi, porquanto todos nós, sem exceção, desta construção participámos.

# DOSSIER UCRÂNIA

# A UCRÂNIA E O SEU POVO

A história do território da Ucrânia pode ser resumida em algumas palavras. Até ao século XVIII era controlado pelo Canato da Crimeia, um estado tártaro (grupo étnico turcomano) que existiu entre 1441 a 1783. Abrangia a Crimeia, algumas áreas do sul da Ucrânia e o sudoeste da Rússia. No entanto, foi anexado pelo Império Russo nesse mesmo século. Era uma região com importância económica devido à produção de carvão. Já desde essa época na região havia confrontos, dos quais muitos se deviam ao facto de a população ser etnicamente diversa.

Com a dissolução da URSS, a Ucrânia tornou-se independente da Rússia. A região do leste da Ucrânia sempre apoiou mais a Rússia devido à russificação (aumento do número de russos no território ucraniano), que aconteceu em 1922. Como exemplo dessa russificação observávamos o ensino obrigatório do russo nas escolas. Todas as tribos e povos que em algum período histórico estiveram no território da Ucrânia deixaram a sua marca no património genético e estão diretamente relacionados com o povo ucraniano. As línguas faladas na Ucrânia são o russo e o ucraniano, originadas de dialetos da língua eslavas, apesar da língua oficial ser o ucraniano.

A maior parte da população de leste do país fala russo, por ser um povo com forte influência russa. O povo ucraniano tem uma cultura rica, um enorme tesouro que consiste em valores adquiridos por muitas gerações.

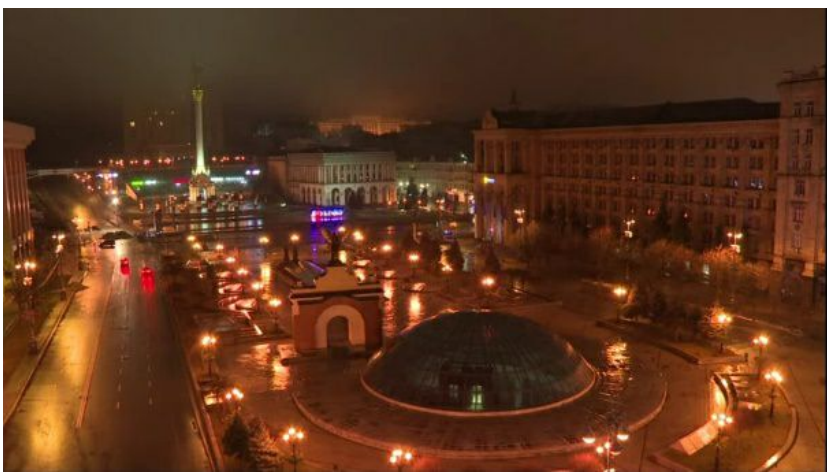
Desde os tempos antigos, a sabedoria da vida e a forma de viver chegaram até eles. Estas riquezas estão embutidas nos costumes ucranianos, rituais, folclore. Neles está a visão do mundo e a visão de como viver nele. Eles explicam e fundamentam a relação entre as pessoas, o valor da cultura espiritual do indivíduo e das pessoas em geral. Muito de perto, a arte popular está associada aos costumes, que são as leis pelas quais os ucranianos são guiados todos os dias. Como a língua nativa, os costumes unem as pessoas de uma nação. Os costumes pré-cristãos entrelaçaram-se harmoniosamente com os religiosos, formando os rituais que têm hoje. Assim, uniram-se motivos agrícolas, militares, contos de fadas e bíblico-religiosos, formando uma vasta cultura de diferentes fontes.

A guerra despoletada em 2014, que tem continuidade até aos dias de hoje e com muito mais força, de certa forma vai alterar a comunidade ucraniana e as suas crenças.

Historicamente vemos que um povo que passa por guerras ou revoluções por norma não se mantém igual ao que era antes das mesmas. A crise existente na Ucrânia antes da guerra, durante e depois da mesma, intensificar-se-á, o que fará com que uma grande parte da população emigre e que haja despovoamento, corrupção, dívidas públicas e dificuldade em pagar as mesmas.

Acredito que a população vá mudar a sua forma de ser e estar perante o país, a sociedade e o mundo dependendo de como se vai desenrolar e acabar a guerra. Cada pessoa é uma pessoa e cada um vive de uma forma diferente aquilo que se está a passar no momento. As experiências de cada um vão influenciar a forma como vão seguir a sua vida depois da guerra e de que forma é que ela alterará a sua visão do mundo. A realidade é que o futuro é incerto e o presente é um momento difícil para o povo ucraniano, mas a esperança será a última a morrer para todos e acreditaremos sempre na vitória da Ucrânia.

Vitória Hranchak



Fotografia tirada numa câmara em direto de Kiev

# Porque é tão essencial voltar aos Direitos Humanos num mundo virado do avesso?

Cluj-Napoca, Roménia, a mais ou menos 400 km da fronteira com a Ucrânia, 10 dias depois de ter início a invasão militar da Ucrânia pela Rússia, a maior ameaça à paz e segurança na Europa desde a II Guerra Mundial. O sentimento é um misto de receio e incredulidade dada a proximidade da guerra e a incerteza que decorre do absurdo que ela representa. Mais do que nunca, percebo a importância de voltarmos aos princípios fundamentais de direitos humanos e, sobretudo, de nos centrarmos na urgência de os respeitar.

Esta é mais uma guerra brutal, como são, aliás, todas as guerras. Implica a devastação e a destruição não apenas de um país, mas de um povo, de milhões de pessoas que, até há 10 dias atrás, viviam uma vida normal, trabalhavam, estudavam, saíam, divertiam-se. Viviam. Por estes dias fogem, aos milhares. Ao dia de hoje, estima-se que cerca de um milhão de pessoas já tenha saído da Ucrânia, na sua maioria mulheres, crianças e idosos, em busca da segurança que lhes foi abruptamente tirada por um tirano cego pelo poder e por um ideal sem sentido.

Fogem praticamente sem nada, apenas com a esperança de que talvez um dia possam regressar.

A alimentar essa esperança estão outras tantas pessoas, Polacas, Romenas, Moldavas, Húngaras, do lado de lá da fronteira, de portas e braços abertos a acolher num profundo e incondicional espírito de solidariedade, certamente partilhado com o receio da guerra que está tão próxima, mesmo ali ao lado.

Quem ficou, por opção e por não querer abandonar a sua casa, o seu país, ou por obrigação de luta pela pátria que, com uma lei marcial impensável há uns dias, convoca à mobilização militar todos os homens entre os 18 e os 60 anos de idade, mergulha num abismo sem fim à vista. Entregam-se a um destino incerto, muito provavelmente à morte. As guerras são, pois, as portas do inferno para os direitos humanos. Um lugar sombrio onde, apesar das regras e leis que ditam obrigações de proteção humanitária e sublinham que mesmo em tempos de guerra há standards mínimos de respeito pelo ser humano e dos seus direitos e liberdades fundamentais, estes acabam invariavelmente violados e descurados.

Dizem-nos as Convenções de Genebra de 1949 que os prisioneiros de guerra devem ser protegidos, que a população civil não deve ser alvo da guerra, que a proteção humanitária é um dever e uma obrigação das partes em conflito. Ainda assim, a realidade nesta e noutras guerras diz-nos e a mostra-nos o oposto: que civis são cada vez mais alvos deliberados da violência e dos bombardeamentos – tantas vezes justificados como danos colaterais – , que prisioneiros de guerra são sujeitos a tortura e a tratamento desumano e degradante, que os mínimos humanitários são ultrapassados e ignorados a cada dia de guerra que se soma. Mas as guerras também podem ser, e por vezes são, momentos em que ainda podemos ver a esperança e o melhor que a Humanidade pode representar. A solidariedade, as tantas manifestações de oposição à guerra, os múltiplos apelos à paz, o sublinhar do valor fundamental dos direitos humanos e liberdades de e para todas as pessoas. É, por isso, fundamental que nos mantenhamos atentos e exigentes, mesmo nas piores circunstâncias, no que diz respeito à luta essencial e diária pelos direitos humanos e liberdades fundamentais. Não apenas em momentos de guerra brutal como esta, mas sempre.

E isso implica uma enorme responsabilidade, individual e coletiva, para que que a defesa dos direitos seja uma luta justa, equitativa e coerente. Apesar de não se colocar em questão o drama humanitário que vivem os/as milhares de ucranianos/as por estes dias, é fundamental não esquecer os/as tantos/as milhares de outros/as que vivem em guerra, na pobreza, subjugados a regimes totalitários, perseguidos pela qualquer condição étnica, política, cultural, religiosa ou outra.

Por estes dias, muito se tem também questionado a imensa e incondicional resposta para o acolhimento de milhares de refugiados/as ucranianos/as em países europeus como a Polónia ou a Hungria. Os mesmos países que, até há bem pouco tempo, manchavam a imagem da União Europeia solidária e defensora dos direitos e liberdades fundamentais, fechando a porta aos refugiados provenientes de outras guerras e geografias como a Síria, o Afeganistão e tantos países da África Subsaariana e criminalizando as organizações que lhes procuravam prestar a assistência e proteção a que têm direito como qualquer outro ser humano.

Muito se tem sublinhado que esta solidariedade imensa e tão necessária se explica tão só porque os/as ucranianos/as são 'como nós'. E essa ideia é tão perigosa como a guerra, porque ela alimenta mais ódio, discriminação e extremismos, em tudo contrários à defesa da paz e dos direitos humanos. Assim como o são os múltiplos relatos de pessoas impedidas de sair da Ucrânia por causa do seu tom de pele ou proveniência não ocidental. Ou mesmo os cada vez mais recorrentes testemunhos de discriminação contra cidadãos e cidadãs russos/as apenas e só por serem russos/as e por serem automaticamente associados/as ao regime de Putin, ignorando os milhares que diariamente se manifestam nas ruas, arriscando a sua liberdade e a sua vida. Nada disto é aceitável numa perspetiva de respeito pelos direitos humanos e pela dignidade humana. Todos/as os/as que são vítimas de perseguição, guerra ou pobreza merecem e devem ser acolhidos/as e protegidos/as, sem condições ou restrições, todos/as os/as devem ser respeitados/as nos seus direitos fundamentais, independentemente da sua nacionalidade.

Essa é não só uma das mensagens mais fundamentais da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, mas também uma das mais extraordinárias conquistas da Humanidade, a mesma que abriu as portas ao importantíssimo sistema de proteção de direitos humanos que hoje temos à escala universal. Não entender isso, e, sobretudo, o quão fundamental é recuperar esta mensagem em particular num contexto de guerra, instabilidade e violência como a que vivemos, seria não apenas absurdo, mas sobretudo de uma imensa ingratidão para com todos/as aqueles/as que lutaram e os/as que continuam a lutar, muitas vezes arriscando a própria vida, para que todos os seres humanos possam ver os seus direitos garantidos, protegidos e afirmados, a cada dia.

Daniela Nascimento
Professora de Relações Internacionais,
Faculdade de Economia
da Universidade de Coimbra

Cluj - Napoca, Roménia,
5 de março de 2022

Uma conclusão ao dossier Ucrânia ou uma renovada introdução a um mundo que teimamos melhorar?

# CONTRA A GUERRA

1º As letras que formam a palavra guerra, o G, os Erres, o Ó, o É e o U combinam-se de uma forma tão imperfeita, mas tão imperfeita, que não temos paciência para nessa combinação descansarmos o olhar; e é essa combinação absurda de palavras nos faz desprezar a palavra guerra;

2º A guerra é sinónimo de barulho. Falamos de uma orquestra mal alinhada com as nossas aspirações musicais. Nós, amantes da música pura, só a conseguimos sentir no meio do mais elementar silêncio. As rajadas das metralhadoras afastam de nós as frases musicais mais lúcidas, mais urgentes. Uma bela nota musical abatida pela sonoridade abjeta da guerra é uma perda injustificável;

3º Desprezamos essa máquina obscena, porquanto ela privilegia as elites do poder e não a grande maioria que, por distração ou medo, elegeram para sua desgovernação a hipocrisia. Não sejamos nunca distraídos, e nunca tenhamos medo. Se isso conseguirmos, o que é bem simples, afastaremos de vez das nossas vidas a podridão da hipocrisia.

4º Nunca concordaremos com a guerra, e apelamos à desmilitarização de todos os Mundos, pois a guerra não é bela; e nós admiramos a beleza das coisas que são verdadeiramente subtis. É na beleza que nadamos com prazer; é isso que queremos, e não temos dúvidas quando falamos do nosso crer;

5º A guerra atinge sempre os mais frágeis, e isso é um jogo muito medíocre. E de quem falamos: dos pobres, das mulheres e das crianças? Nada disso. Todos nós somos frágeis face ao ritmo cego da destruição. Por sermos vítimas, sejamos nós quem formos … não, Não, NÃO. Sempre entenderemos a guerra como uma exibição estranha da mais refinada prostituição;

6º Porque ela humilha; nós, amantes da Liberdade, o que faremos com a guerra? Os nossos sacos do lixo serão suficientes para a acolhermos?

7º Porque ela aniquila as nobres aspirações Humanas. Todos os mais elementares direitos que a Humanidade foi conquistando ao longo do tempo são por ela aniquilados. Por isso a detestamos racional e conscientemente.

8º A guerra não é mais do que um carnaval sem vida. Não há dança nem grande animação nas avenidas onde ela desfila.

Se há alguma dança ou alguma animação onde se desenrola tal farsa, tal dança será sempre demasiado pobre, e a animação demasiadamente pálida. A dança quer-se firme, determinada; e a animação é uma urgência na qual podemos descansar dos terríveis percalços que porventura tentem perturbar o nosso rumo através de um quotidiano que por vezes é demasiado cinzento.

9º Onde cheira a guerra, apenas cheira a ferro queimado. Onde ela teima existir, os mais deslumbrantes perfumes fecham-se nos frascos que os contêm, e sussurram para o guerreiro que detesta a guerra: quando tudo acabar vem ter comigo. Escondo-me neste frasco, para mais tarde te alentar e te fazer esquecer as amarguras passadas nas trincheiras cavadas na lama, em nome de um estranho disparate. Uma guerra sem pólvora perfumada não é uma guerra. E os negros mercados onde os horrendos senhores se abastecem não têm esse material para oferecer.

10º Há pelos vistos uma desorientação em curso. Nada se sabe onde estão os semideuses da guerra, e não se adivinham as suas intenções. Obviamente que nada, nem ninguém, têm pretensões ou capacidades capazes para adivinhar os pensamentos de tão estranhas criaturas.

E, por isso, nada como consultar a grande visionária, a que alguns chamam bruxa. E o que nos disse o oráculo (?): a guerra só existe lá longe, no poente da vida. E nós achámos que isso está certo, pois que é no poente que a tensão desarma.

11º As armas? Na batalha nunca utilizamos armas, mas antes o poder do punho. Será? Não, não é. As armas matam quem não devem matar, os punhos podem ferir o que não deve ser ferido. A gritaria pela posse de territórios desconhecidos incomoda. Nos tempos que atravessamos, a guerra só pode ser feita por tiranos que alinham com a miserabilidade de outros tiranos ainda mais insuportáveis.

**À laia de conclusão**

O melhor ainda é fechar as nossas janelas que dão para os estranhos palcos, e ir visitar as rosas e os espinhos das roseiras, pois que só essa guerra tem interesse: sentir o perfume dos espinhos, e picarmo-nos na aveludada textura das rosas vermelhas, ou de outras cores.

Throw flowers, not bombs - Banksy

# *VIVER A MINHA VIDA*
# EMMA GOLDMAN

Emma nasceu em Kaunas (Lituânia), em 1869, e morreu em Toronto (Canadá) em 1940. Nos 71 anos de vida, Emma viveu a sua vida de uma forma esplendorosa, grandiosa até. Emma viu crescer o horror do capitalismo na América, e na altura denunciou todas as atrocidades daquele estranho exibicionismo. Foi presa por desmascarar a sistemática e deliberada exclusão dos mais carentes - das massas oprimidas por uma máquina que insistia em fazer dinheiro, e canalizá-lo para os bolsos de uma elite minúscula e medíocre. Foi presa por insistir na liberdade de expressão. Emma não fez a revista “Open Road”, mas fez a “Mother Earth”, tão aberta como todas as estradas abertas que palmilhou incansavelmente. Emma gritou e foi ouvida por alguns. O que mais dizer de um Ser extraordinário que na América capitalista, o inimigo número 1 daquele país, preferia ter rosas sobre a mesa a diamantes ao pescoço. E o que dizer de Alexander Berkman (Sasha) – o amigo extraordinário que perseguiu o Sol daquela mulher quase sem sombra?

A certa altura Emma e Sasha foram deportados. O navio que os trouxe de novo para a Europa sulcou um mar deveras alterado.

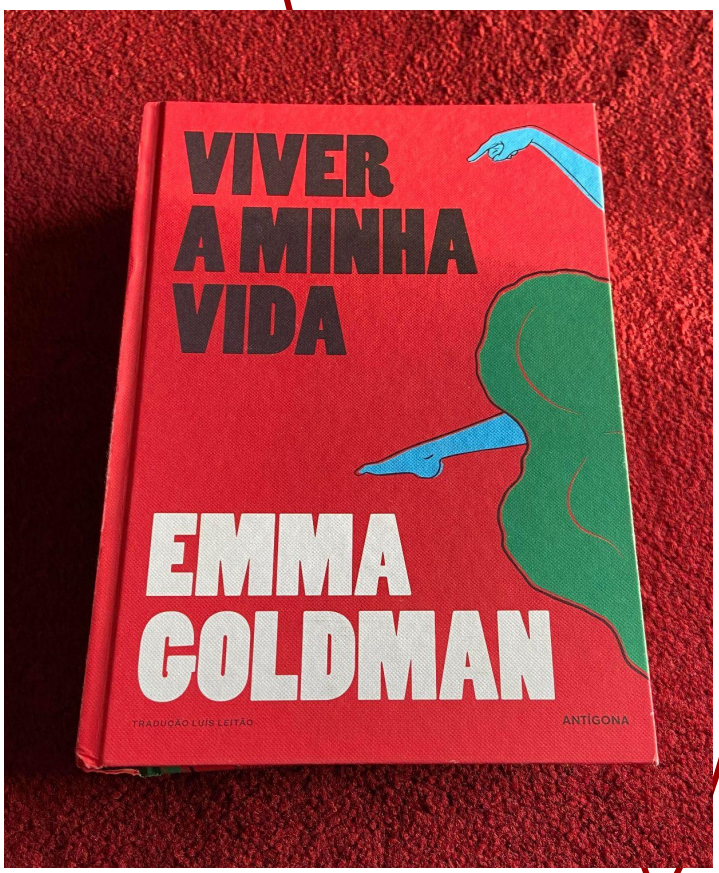
Um azar medonho ensombrou de novo estes astros demasiado brilhantes: o porto onde o navio ancorou foi na horrível Rússia Soviética. Aqui tanto Emma como Sasha, os perseguidores de um ideal sem paralelo, de um ideal sem amarras, foram mais comedidos. Não porque a juventude deles se tivesse apartado, ou que a perseguição dos seus ideais tivesse esmorecido. Nada disso. Se os horrores do capitalismo que eles viram crescer eram demasiado insalubres, o terror do comunismo era um poço sem fundo. Entretanto, e isto é mágico, naquela selvajaria soviética Kropotkine morreu, e eles participaram no seu funeral.

Uma coisa estranha: tantos anos separam a agonia do capitalista e o silêncio soviético... afinal o que se passa nestes tempos mais modernos? Há de novo uma ditadura que avança, que quer erguer o seu pescoço delgado e negro nas praças de todas as liberdades?

Se há uma ditadura em marcha acelerada, temos que lhe cortar os pulsos e a existência. Coisas assim têm que morrer já, antes que a aurora acorde. Não somos assassinos, nem domesticamos a arma, mas aprendemos muito facilmente como a manusear. Pólvora não falta ao nosso desejo, quando se trata de suprimir o monstro abjeto que quer dilacerar a liberdade.

Se o livro é uma autobiografia de Emma, por ela escrito, também é um importante tributo ao seu grande amigo Sasha. São apenas 1000 páginas que a Antígona agora nos oferece. E são mil páginas de prosa clara, quase poética, e muito bem feita. Clareza, poesia e perfeição? Sim, é isso mesmo; é isso que falta para transformar as nossas consciências, atitudes e incertezas em melodias dissonantes, portanto, quase raras.

Um à parte a esta deambulação crítica (ou nem isso): o melhor é ler o livro. 1000 páginas de uma assentada são um desafio enorme para um trabalhador. E o que faz um trabalhador? Um trabalhador trabalha, ainda que ouça o som dos petardos que estouram as vidraças. Um trabalhador desafia qualquer jogo de xadrez. O trabalhador é um Ser querido, é um guerreiro que faz existência. Um trabalhador é um poeta com tremendas ambições, e só por isso merece um aplauso incondicional.



## FONTES DE IMAGENS

- Invictus - valerianakamura.wordpress.com
- Mandela - view.genial.ly
- Eleanor Roosevelt - blogdaines.wordpress.com
- Gandhi - Infoescola.com
- Filme Gandhi - autobahn.com.br
- Vacinação - global.unitednations.entermediadb.net
- Vacina - saude.abril.com.br
- Refugiados - islamic-relief.org
- Seca - jornaldenegocios.pt
- Hacker - olhardigital.com.br
- Escola - pordentrodaafrica.com
- Cluj - images.musement.com
- Bandeira Ucrânia - sicnoticias.pt
- Banksy - i.pinimg.com
- Kandahar - wikipedia.org
- Placa caminho - streetartutopia.com
- Campo de Mória - i.guim.co.uk

## FONTES DE ARTIGOS

- A Mulher Afegã - britannica.com; amnesty.org; bbc.com; theguardian.com
- Sugestões de Filmes - pt.wikipedia.com

SÊ PLURAL

I – 2021/2022